

## PAULO FREIRE E WALTER BENJAMIN: notas sobre o tempo, a história, o campo do sensível e a educação

*Dilson Miklos*

### Resumo

O artigo apresenta aproximações conceituais entre Paulo Freire e Walter Benjamin que, afastados temporalmente, estiveram comprometidos em radiografar o seu tempo e registrar, sem disfarces, a barbárie e os processos de exclusão nas suas diversas expressões. É nesse encontro, atravessado pelo estético, ético e político, que colocamos em relevo uma experiência que se manifesta no espaço da formação de professores. O campo do sensível é onde emergem as *práxis de sensibilidades* e as *narrativimagens*, conceitos estes que afirmam a potência dos processos de criação e a sua ação transformadora no sujeito em seu diálogo consigo, com o mundo e com os processos formativos.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; Walter Benjamin; formação de professores; narrativimagens; práxis de sensibilidades.

## PAULO FREIRE AND WALTER BENJAMIN: notes about time, history, the field of the sensitive and education

### Abstract

The article presents conceptual approaches between Paulo Freire and Walter Benjamin who, temporarily apart, were committed to x-raying their time and recording, without disguises, the barbarism and the processes of exclusion in its various expressions. It is in this encounter, crossed by the aesthetic, ethical and political, that we highlight an experience that manifests itself in the space of teacher education. The sensitive field is where the praxis of sensibilities and narrativimages emerge, concepts that affirm the power of the processes of creation and its transforming action on the subject in his dialogue with himself, with the world and with training processes.

**Keywords:** Paulo Freire; Walter Benjamin; teacher training; narrativimages; sensibilities praxis.

## PAULO FREIRE Y WALTER BENJAMIN: notas sobre el tiempo, la historia, el campo de los sensibles y la educación

### Resumen

El artículo presenta aproximaciones conceptuales entre Paulo Freire y Walter Benjamin quienes, temporalmente separados, se comprometieron a radiografiar su tiempo y registrar, sin disfraces, la barbarie y los procesos de exclusión en sus diversas expresiones. Es en este encuentro, atravesado por lo estético, ético y político, que destacamos una experiencia que se manifiesta en el espacio de la formación docente. El campo sensible es donde emerge la praxis de sensibilidades y narrativas imágenes, conceptos que afirman la potencia de los procesos de creación y su acción transformadora sobre el sujeto en su diálogo consigo mismo, con el mundo y con los procesos de formación.

**Palabras clave:** Paulo Freire; Walter Benjamin; formación docente; narrativimagens; praxis de sensibilidades.

*Livre do meu ofício, gosto de cantar o Brasil caboclo, tão longe de tudo aqui. Canto esse Brasil, como quem faz uma prece, para que ele resista à pesada mão do progresso vazão que insiste em dizimá-lo, e para que suas “modas de viola,” com seu encantamento, ainda por muito tempo, façam vibrar nossos corações. Maria Bethânia.<sup>1</sup>*

## UMA ABERTURA (FISSURAS DO TEMPO)

A obra de Walter Benjamin registrou sem retoques a modernidade, desvelou o seu universo de miudezas e capturou, tal como um cronista, os acontecimentos sem distinguir se eram grandes ou pequenos, apenas considerou que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido pela história. A composição que Benjamin fez do seu contexto epocal mostra-se atemporal à medida que nutre o debate, na contemporaneidade, nos campos da cultura, da linguagem, da educação, da política. O seu legado filosófico permite conexões com outras correntes do pensamento que se debruçam a investigar os fenômenos que cercam as existências. É o caso de Paulo Freire, um pensador da periferia global, cuja obra se constitui como uma teoria do conhecimento sobre o processo de ensino e aprendizagem, mas que também a extrapola, pois há com Freire uma consolidação do pensamento pedagógico latino-americano que revela mais de nós e do mundo a partir de outras lentes. É uma concepção de educação ancorada na solidariedade, na democracia, na liberdade, na ética e na humanização. É no garimpo de ideias que aproximamos o educador brasileiro do pensador berlinense em uma rota que se coloca à deriva para pensar um cotidiano voltado à formação de professores e que tem, no campo do sensível, um *locus* de reflexão dos processos formativos.

No centro dessa aproximação errante de ideias está a *práxis de sensibilidades* “Sertão, um lugar de irradiações poéticas”, uma experiência de cunho pedagógico, estético, político e ético que mobilizou afetos, reminiscências, leituras de si e do mundo e trouxe à tona as *narrativimagens*, um conceito que propõe o alinhamento entre a produção escrita e imagética, pois considera que tanto uma quanto a outra são indissociáveis nesse percurso. *Práxis de sensibilidades*, mencionada anteriormente, são atividades, exercícios, projetos e/ou propostas sugeridas no contexto da disciplina Arte e Educação, que integra a grade curricular da licenciatura do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação do Rio Janeiro (ISERJ), e objetiva encarnar o discente de sua mitopoética, desvelar subjetividades e valorizar processos de criação.

Paulo Freire (2016) reflete sobre o tempo na *Pedagogia do Oprimido*. Os homens, ao contrário dos animais, facultam ao tempo uma tridimensionalidade configurada por passado-presente-futuro que, contudo, não são “departamentos estanques”, temporalidades isoladas e petrificadas que enclausuram o tecido social. “Se assim fosse, desapareceria uma condição fundamental da história: sua continuidade” (FREIRE, 2016, p.155). A ação transformadora permanente da realidade objetiva faz com que homens e mulheres, simultaneamente, criem a História e se façam seres histórico-sociais. Ao contrário, segundo Freire, o animal é a-histórico, carece de finalidades, vive imerso no mundo a que não consegue dar sentido, constitui-se como um “ser fechado em si”, que experimenta um presente esmagador. Os homens e mulheres, além de viverem, existem. E na sua existência o aqui não é um somente um espaço físico, mas, sobretudo, um espaço histórico.

Ainda nesse percurso, Freire (2016) destaca o conceito de “unidade epocal” e sua relação com a continuidade histórica.

<sup>1</sup> Fragmento do caderno de trabalho de Maria Bethânia e parte integrante da exposição “*Maria de Todos Nós*”, no Paço Imperial/ RJ, que comemorou os 50 anos de carreira da cantora no ano de 2015.

Uma unidade epocal se caracteriza pelo conjunto de ideias, de concepções, esperanças, dúvidas, valores, desafios, em interação dialética com seus contrários, buscando plenitude. A representação concreta de muitas destas ideias, destes valores, destas concepções e esperanças, como também os obstáculos ao *ser mais* dos homens, constituem os temas da época. Estes não somente implicam outros que são seus contrários, às vezes antagônicos, mas também indicam tarefas a serem realizadas e cumpridas. (FREIRE, 2016, p.155)

Desta forma, não há como iluminar os temas históricos desconectados, segregados e apartados, mas em relação dialética com outros, seus opostos, revelados nas relações homens-mundo. “O conjunto de temas em interação constitui o ‘universo temático’ da época” (Id, Ibid). De acordo com Freire, um pensador alinhado à corrente marxista, os homens e mulheres impregnados da atmosfera criadora e transformadora produzem, através do permanente contato com as relações produzidas no âmbito da realidade, não somente os bens materiais e as sutilezas do campo do sensível, mas também as instituições sociais, suas ideias e concepções.

O tempo e a História também são fontes de reflexão em Walter Benjamin. Nas teses *Sobre o Conceito de História* (1994), publicadas após sua morte, em 1940, está presente uma crítica contundente à filosofia da história mais influente de sua época que idealiza escrever a história universal, o historicismo. Benjamin concebe como alternativa teórica um conceito de tempo – “tempo do agora” (*Jetztzeit*) - em que o presente não é a mera transição que liga o passado ao futuro. “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”, registra Benjamin na tese XIV (1994, p.229), que não defende a ideia de uma história encerrada em um definitivo “era uma vez”. O historiador materialista benjaminiano arranca o seu objeto do *continuum* do tempo para construí-lo a serviço da própria atualidade e é na quebra do tempo homogêneo que faz emergir a diferença. O futuro não é a apenas a projeção do tempo na linha evolutiva da história, mas seu desvio em direção ao passado, para que este possa ser alforriado de sua permanente repetição como sofrimento e opressão. As ideias contidas nas teses, que permeiam toda a sua obra, foram escritas, certamente, envoltas na atmosfera do pacto germano-soviético, o começo da Segunda Guerra Mundial e a ocupação da Europa pelas forças nazistas.

Benjamin escreve na tese XVI:

O historicismo culmina legitimamente na história universal. Em seu método, a historiografia materialista se distancia dela talvez mais radicalmente que de qualquer outra. A história universal não tem qualquer armação teórica. Seu procedimento é aditivo. Ela utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio. Ao contrário, a historiografia marxista tem em sua base um princípio construtivo. Pensar não inclui apenas o movimento das ideias, mas também sua imobilização. Quando o pensamento para, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, eles lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada. O materialista histórico só se aproxima de um objeto quando o confronta enquanto mônada. (1994, p. 231)

Retornando à leitura dos escritos de Freire transparece a sua disposição investigativa para o pensamento-linguagem de homens e mulheres vinculado à realidade, os níveis de percepção desta e a sua visão do mundo. É uma aposta, como mesmo nomeia o educador, no *inérito viável* para “situações-limite”, que se apresentam como se fossem determinantes históricas, únicas e esmagadoras. O *inérito viável* é potência da ação, da transformação e o deslocamento da fronteira entre o ser e o nada para a fronteira entre o ser e o *mais ser*. É libertação!

Desafia, de forma dialeticamente antagônica, oprimidos e opressores. Assim, enquanto é, para os primeiros, seu “inédito viável”, que precisam concretizar, se constitui, para os segundos, como “situação-limite”, que necessitam evitar. (Ibid, p.157)

Freire e Benjamin fazem parte de uma constelação de pensadores que lançam luzes sobre os escombros soterrados e as vozes silenciadas. É um esforço que busca revirar esses escombros, capturar a centelha fulgurante do fragmento, libertar a história do seu universalismo e propor uma nova abordagem para o tempo e o espaço. O rabino marxista<sup>2</sup> pensa a história como uma tarefa salvadora, messiânica em relação ao passado e não ao futuro, concebe uma nova teoria da história que permita pensar a emancipação social a partir do pretérito.

A história é tempo de possibilidade e não de determinações em uma leitura freireana. A sua crítica está direcionada para uma história imobilizadora e determinista, que tem no futuro a pura repetição do presente. Essa compreensão atende aos interesses dos dominadores. “O amanhã para eles e para elas é sempre o seu presente de dominadores sendo reproduzido, com alterações adverbiais. Não há nesta concepção lugar para a substantiva superação da discriminação racial, sexual, linguística, cultural etc”, escreve Freire (2007, p.35-36), no outono de 1992, em Montego Bay, na Jamaica, quando também destaca a importância da perspectiva histórica como eixo de reinvenção do mundo em uma direção ética e estética para além dos padrões que se colocam vigentes e determinantes. É o tempo em que homens e mulheres sejam capazes de assumirem-se cada vez mais como sujeitos-objetos da história.

Na tese VIII, Benjamin confronta duas concepções da história, a que se coloca ao lado da crença em um progresso contínuo, infinito e automático, fundado apenas na acumulação quantitativa, e aquela que afirma ser o seu desejo e está situada do ponto de vista dos oprimidos.

A tradição dos oprimidos nos ensina que “o estado de exceção” no qual vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, perceberemos que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção; com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo. Este se beneficia da circunstância de que seus adversários o enfrentam em nosso do progresso, considerado como uma norma histórica. O assombro com o fato de que os episódios que vivemos no século XX “ainda” sejam possíveis, não é um assombro filosófico. Ele não gera nenhum conhecimento, a não ser o conhecimento de que a concepção de história da qual emana semelhante assombro é insustentável. (1994, p.226)

Há uma comunhão nas ideias de Benjamin e Freire sobre o tema da História. O educador brasileiro é um crítico à concepção que reduz o amanhã a um dado já posto e irredutível de transformação. Não há imponderável ou pontos de fuga, nessa perspectiva.

O futuro é um pré-dado, uma espécie de sina, de fado. O futuro não é problemático. Pelo contrário, é inexorável. A dialética que essa visão da História reclama, e que tem sua origem num certo dogmatismo marxista, é uma dialética domesticada. Conhecemos a síntese antes de experimentarmos o embate dialético entre Tese e Antítese. (FREIRE, 2007, p.36)

<sup>2</sup> Compreende parte do título de um capítulo (“O Rabino Marxista: Walter Benjamin”) do livro *A Ideologia da Estética* em que Terry Eagleton analisa a estética de Walter Benjamin no contexto do marxismo.

Freire nos alerta que é impossível pensar a superação da opressão sem uma compreensão crítica da história. Também coloca em relevo que a inexistência de projetos de natureza político-pedagógica que caminhem para uma transformação ou reinvenção do mundo reforçam o *apartheid* social, político e cultural das camadas populares.

Pensar a História como possibilidade é reconhecer a educação também como possibilidade. É reconhecer que se ela, a educação, não pode tudo, pode alguma coisa, sua força, como costume dizer, reside na sua fraqueza. Uma de nossas tarefas, como educadores e educadoras, é descobrir o que historicamente pode ser feito no sentido de contribuir para a transformação do mundo, de que resulte um mundo mais “redondo”, menos arestoso, mais humano, e em que se prepare a materialização da grande Utopia: *Unidade na Diversidade*. (Ibid, p. 37)

O educador pernambucano explica o conceito da *Unidade na Diversidade* dentro do campo das ideologias que, se discriminatórias ou de resistência, estão encarnadas nas formas de conduta social ou individual que variam de tempo espaço a tempo espaço e se manifestam na linguagem – na sintaxe e na semântica –, nas formas concretas do existir, como o andar, o comer e o vestir, nas escolhas e nas formas concretas de atuação. A *Unidade na Diversidade* é a superação da frieza, do ar de superioridade e da distância com que os poderosos tratam os carentes de poder. É a superação das ideologias discriminatórias ou a sua adaptação.

## NOTAS SOBRE A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS, UMA EXPERIÊNCIA POLÍTICO-PEDAGÓGICA-POÉTICA DE REINVENÇÃO DO SERTÃO

*Sertão, terra dourada  
Chão batido de luz  
Quente como mocotó  
Dilson Miklos*

Na companhia de Freire e Benjamin constatamos que é costumeira, em nossas ações no mundo, a ausência de uma consciência sobre a concepção da história que nos marca. Daí a importância de fazer emergir as *narrativimagens* como um movimento de um despertar para que homens e mulheres se percebam como seres históricos, inseridos na tridimensionalidade da temporalidade e responsáveis não apenas pelas gerações futuras, mas também pelas gerações que já se foram e se encontram imobilizadas com o peso de uma narrativa que as silenciou.

No ensaio *O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, publicado em 1936, Benjamin (1994) constata o desaparecimento da figura do narrador. As suas palavras são desoladoras:

A experiência da arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que não sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (Ibid, p.197-98)

A escassez da troca de experiências dada pela narrativa aumenta o peso de sua importância e de sua ausência entre nós. A narrativa, em certo sentido, é um modo artesanal de comunicação, não perspectiva transmitir o “puro em si” como uma informação ou um relatório. Segundo Benjamin: “Ela mergulha na vida do narrador para em seguida retirá-lo dele. Assim se imprime a narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (Ibid, p.205). As

narrativimagens absorvem esse princípio na constituição de suas ações poéticas, éticas, políticas e estéticas. É um todo imbricado na constituição de uma pedagogia ancorada na educação dos sentidos e na revelação de “mundos”.

Benjamin (1994) analisa que a expulsão gradativa da narrativa da esfera do discurso vivo tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas. A morte da narrativa, de acordo com o filósofo, estava também intimamente relacionada ao silêncio dos soldados que voltavam da Primeira Grande Guerra, assim, mais pobres em experiência comunicável.

Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadoras que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano. (Ibid, p.198)

A *práxis de sensibilidades* “Sertão, um lugar de irradiações poéticas” emerge em um contexto voltado à formação de professores, trazendo à cena uma paisagem geográfica que reconhecemos, através dos meios de comunicação e livros didáticos, como uma região dos excluídos, da escassez, da aridez, do sofrimento e da fome. A exposição fotográfica “O Sertão de João Machado”, que ocupou a Caixa Cultural, no Rio de Janeiro, de setembro a dezembro de 2018, reuniu cerca de 40 registros que retratam as experiências e reminiscências da infância de João Machado, nascido em Xique-Xique, na Bahia, no ano de 1969, e as histórias contadas pelo pai romeiro. Desse sertão colorido, iluminado pela luz explosiva do dia e serena da noite, de terra de chão batido, de romeiros, carroceiros e caminhoneiros nos nutrimos para pensar sentidos outros em um curso de formação de educadores, a partir da presença do sensível e do inteligível em uma jornada pautada na emancipação e na educação dos sentidos.

A exposição permitiu ao espectador não só uma imersão no sertão de João Machado, mas, sobretudo, no sertão que ocupa o nosso imaginário. O mosqueteiro que abraça a cama, o retrato de um homem na parede de um bar, o vestido de noiva na fachada de uma casa de pau a pique e o galo que reina soberano no carro estão entre as imagens clicadas nas cidades de Xique-Xique e Bom Jesus da Lapa. A captura dos “mundos”, essa crença pedagógica que deposita sua fé na educação enquanto processo permanente e dialógico com territórios outros, como, por exemplo, os recantos da cidade, com seus espaços de fruição estética, são contextos “que não apenas acolhem a prática educativa, como prática social, mas também se constituem, através de suas múltiplas atividades, em contextos educativos em si mesmas” (FREIRE, 2007, p. 19).

O mais importante nessa experiência de cunho político-pedagógica-poética é o processo e não o resultado final. Nessa travessia, estamos educando, efetivamente, os nossos sentidos, o nosso olhar, a nossa inteligência sensível e poética, visando, sobretudo, pensar saberes e fazeres emancipatórios. Essa experiência aponta para o encontro com o sertão de João Machado e com o nosso sertão. Vários são os encontros dessa jornada, que aflora memórias, lembranças e espantos. O mais banal dos acontecimentos é matéria-prima de revelação de “mundos”.

Figura 1: Folder fechado da exposição *O Sertão*, de João Machado, 2018

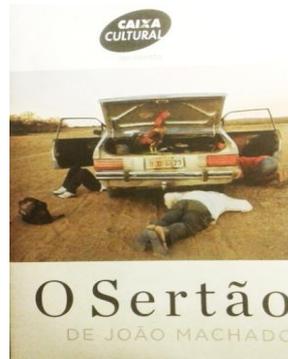


Foto: Dilson Miklos, 2020.

Figura 2: Parte interna do folder aberto

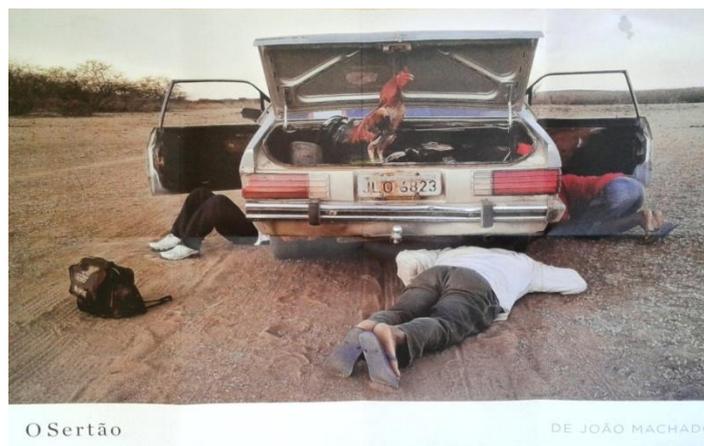


Foto: Dilson Miklos, 2020.

Figura 3: Verso do folder aberto



Foto: Dilson Miklos, 2020.

A ação que orienta essa expedição pedagógica se inspira livremente nas ideias de Freire e Benjamin, *monta* um mosaico possível a partir das experiências de vários encontros. O sertão, mais do que uma geografia do nordeste brasileiro, encarna o oprimido, nas perspectivas freireana e benjaminiana. As *narrativimagens* posicionam o direito de fala, expressão, movimento e criação, propõem uma experiência de encantamento no contexto pedagógico. O encontro com a imagética do sertão, de João Machado, com o nosso sertão, com o folder da exposição que por vezes se torna suporte e com a escrita do haicai explora o momento em que descobrimos o prazer da emoção de poetizar o instante. Pedagogia poética é exatamente esse estado de encontro que vai se revelando no processo. As *narrativimagens* explicitam um percurso e uma escolha sustentada na ética e na estética que afirma: “O sertanejo é, sobretudo, um forte” (CUNHA, p.77, 2002).

### **NARRATIVIMAGENS: UMA LEITURA A CONTRAPELO DO SERTÃO<sup>3</sup>**

*Aquele solo rachado  
Sol do meio dia  
Açude que a água secou.  
Mariana Rodrigues*

A alegria do Sertão. O meu primeiro encontro com o sertão não foi na exposição de João Machado, e sim com as lembranças da minha mãe, já que ela viveu sua infância no sertão do Ceará. Na história contada por ela, sua família enfrentou muitas dificuldades financeiras, apesar de disso, ela relata uma infância muito feliz e simples. Irei contar um pouco da história da minha mãe no sertão, uma vez ela me disse que açude que fornecia água para sua cidade secou, e como sua família vivia da pesca, acabaram ficando sem renda e o governo oferecia cestas básicas para essas famílias e dava uma pequena quantia para a sobrevivência dessas pessoas. Entretanto minha mãe e meus tios tinham bastante liberdade para brincar, pois era um lugar bem espaçoso, havia muitas brincadeiras uma delas era que antes do açude secar eles jogavam algum objeto lá dentro e um mergulhava para pegá-lo e o restante ficava contando, e quem pegasse mais rápido ganhava, tiveram muitas outras, mas essa foi a que mais me chamou a atenção. Depois que minha mãe veio morar no Rio de Janeiro, viajou para lá, me levou e pude conhecer alguns lugares que ela viveu sua infância.

<sup>3</sup> As *narrativimagens* não foram editadas e a revisão parcial da narrativa foi o objetivo, cujo propósito é manter a identidade da escrita discente.

Figura 4: “Sertão, um lugar de irradiações poéticas”

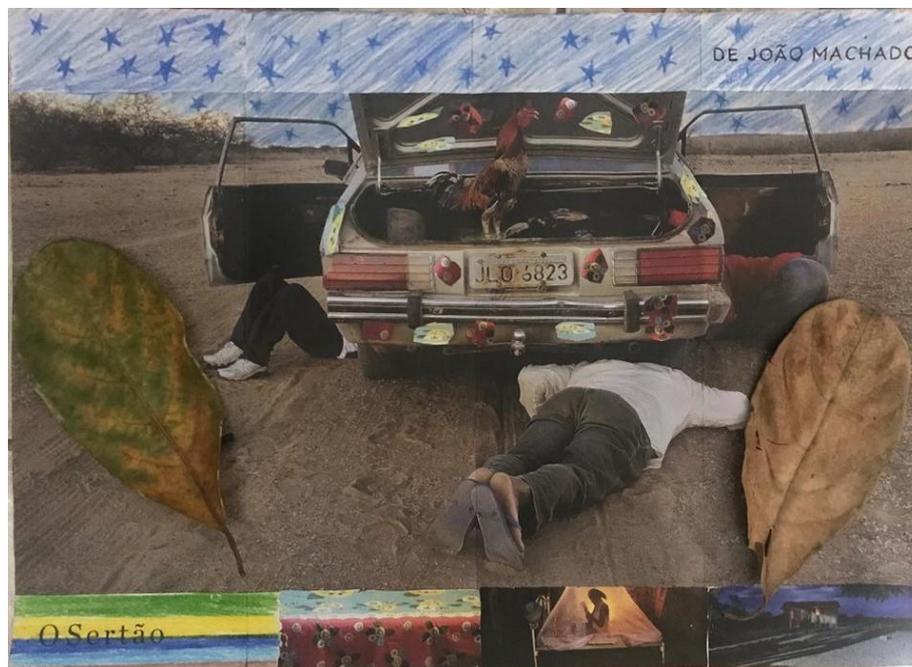


Foto: Mariana Rodrigues, 2018

Quando cheguei na exposição achei tudo fantástico, pois me senti no lugar da minha mãe, a casa de taipo, o mosquitoireiro, o céu estrelado, os quadros antigos, a estrada de terra. A primeira vez que estive no Ceará foi em 2010 ao chegarmos fomos no açude, o mesmo que quando minha mãe era pequena havia secado, porém agora ele estava cheio, brincamos e tomamos banho, foi muito divertido. Demoramos 5 anos para voltar lá, mas dessa vez o açude estava quase seco e minha mãe ficou muito triste pois cresceu brincando lá dentro e não era fácil vê-lo secar novamente. Falei do açude porque na exposição havia uma imagem de um cachorro que, aparentava, estar brincando com seu dono dentro do açude e essa imagem me trouxe tantas lembranças do açude, além disso, me veio na mente a infância da minha mãe. Não imaginei que a exposição me traria tanta alegria, pois no momento da exposição só consegui ter lembranças boas do sertão. Quando o professor falou sobre o trabalho que teríamos que fazer achei que não seria fácil e realmente não foi. No instante que o professor nos passou essa tarefa, pensei em fazer um corte e colagem alegre, pois era essa minha visão do sertão, mas não sabia como faria isso. Assim que cheguei em casa coloquei os dois folders da exposição abertos sobre a mesa que tenho no quarto e olhei por bastante tempo, mas não saiu nada, após algum tempo fui na papelaria para ver se achava algo que me trouxesse alguma inspiração, porém acabei esquecendo de levar o folder e decidi voltar para casa. Em outro dia fui a papelaria com o folder, mas também não achei nada, assim que sai olhei para o chão e vi folhas que tinham caído da árvore e imaginei que ficaria perfeito no meu trabalho. Peguei duas folhas coleí uma de cada lado, uma delas estava bem seca enquanto a outra ainda esverdeada, uma representa a seca do sertão e a outra a vida, foi nesse instante que as coisas começaram a fluir. Em outro dia observando o folder novamente pensei que gostaria de usar as imagens que tinha atrás, mas não sabia como. E então cortei o rodapé da imagem principal, e coleí na parte de cima, pinteí de azul e fiz estrelas para dizer que era noite, olhando para as costas do rodapé vi que daria um tamanho bom para as imagens que tinha atrás, corteí elas e as coloqueí

no lugar do rodapé. Com o trabalho quase finalizado cortei as flores do lençol da outra foto e coleí no carro para ficar mais alegre, o nome ``O sertão`` que estava no rodapé continuou no mesmo lugar só que agora com cores que, para mim, são cores que representam o sertão. Exemplo: o marrom = terra, azul claro = açude, azul escuro = céu, amarelo = sol e o verde as árvores. Assim finalizei esse trabalho, sem contar que foi uma experiência ótima misturar o SERTÃO de João machado com o meu sertão. *Mariana Rodrigues.*

*A noite vem chegando  
O vento sopra  
A esperança nasce.  
Paula Quintanilha de Sousa*

Escrever sobre o sertão eu sabia que para mim seria um desafio. É como se eu não me sentisse verdadeira conhecedora desse cenário e desse povo tão sofrido pela seca e desigualdade social, mas tão rico de cultura, costumes, cheiros e sabores. Eu que nunca conheci de perto o sertão, me lembro de uma conversa que tive algum tempo atrás com minha mãe que lá já visitou. Ela me disse minha filha nada nunca me tocou com tanta profundidade como o sertão me sensibilizou, logo ela foi emendando...chão seco, poeirento e rachado, da vegetação rala e rara, gado de ancas murchas, balançando o badalo pendurado no pescoço, produzindo quase que uma canção. Lembro-me da cerca de madeira irregular, cortada pelas mãos já calejadas de um velho senhor, aquela cerca que divide e distingue a terra de uma da terra do outro. Casas muito simples que nem banheiro tinha, tinha apenas um sumidouro bem do lado de fora, lá no quintal. A noite era difícil de dormir, era enorme a quantidade de mosquitos que existiam ali, não sei o que seria de mim sem aqueles mosquiteiros que por aqui muito mal usamos nos berços das crianças, muitas vezes parecem estar aqui só de enfeites. Entre os seus contrastes, o sertão em minha memória é beleza e resistência, ele é, sobretudo, uma afirmação diária de vida. Uaaaal!! Realmente tamanha é a força desse povo sertanejo e para mim a confirmação de todas essas palavras da minha mãe foi quando tive que dar início ao trabalho do Professor Dilson Miklos indo até a Caixa Cultural na exposição de fotos de João Machado. Caramba ao entrar naquele espaço me deparei exatamente com as imagens de tudo aquilo que um dia minha mãe me retratou. Foi tão impactante, tão real, parecia que eu estava lá. Eu estava fascinada com aquele choque de realidade, tão esquecido por nós, eram imagens que falavam por si. Quando me deparei com a imagem daquele sertão à noite, logo fui comentando com minha amiga... – Marina olha que céu, quanta beleza, quanto brilho. Esse céu que faz com que qualquer um pare para contemplar. Foi a partir desse céu, que me senti tocada e inspirada para a elaboração da montagem de colagem das imagens do sertão de João Machado. Quando tive a oportunidade de adentrar naquele mosquiteiro presente na exposição, tive a sensação de ali de dentro, contemplando através das janelas e das varandas, deitados em suas camas ou redes o sertanejo reforça sua fé, renova suas esperanças e se enche de amor pelo seu sertão.

**Figura 5: “Sertão, um lugar de irradiações poéticas”**



Foto: Paula Quintanilha de Sousa, 2018

**Figura 6: “Sertão, um lugar de irradiações poéticas”**



Foto: Paula Quintanilha de Sousa, 2018

Sei que muitos saem dali e se tornam estrangeiros em outros cenários, em busca de uma melhor qualidade de vida e de uma oportunidade. Tenho Profunda admiração por esse povo que sempre foi de fazer, que sempre foi de lutar, quem nunca se deparou com nordestino sertanejo que sempre diz com muito amor e carinho a paixão por sua terra e a saudade que lhe trás, esses dias

mesmo ouvi de uma senhora na rua falando com outra “sinto orgulho de ser o que sou e de ser da onde vim, me fez ser mais forte e resistente”. É com muito carinho que montei meu trabalho, tentando relatar um pedacinho da imensidão que esse povo e esse cenário tem pra nos contar. *Paula Quintanilha de Sousa*

*Céu azul estrelado  
Poeira amarelada  
O sertão é arte.  
Juliana de Sousa Pires*

O sê-tão: sertão como fragmentos. Quando eu era pequena, gostava muito de me imaginar brincando em lugares distantes aos que eu era habituada a brincar. Como escalar as árvores da floresta amazônica ou algo do tipo. Uma vez, vi na TV uma notícia sobre a seca no sertão de algum estado que, perdão, não me lembro qual. Pus-me a indagar porque nunca tivera brincado em tal lugar antes, nas minhas viagens fantasiosas. Talvez nunca tivéssemos sido apresentados. O sertão e eu. Não na época. Uns anos mais tarde, fui pela primeira vez à cidade natal de minha mãe e toda a sua família, lá em Caponga, no Ceará. Conheci meus tios e tias, primos e primas e, além de conhecer meus avós, conheci também as histórias deles antes dali. O sertão. Pois bem, apresentados. A partir desse dia, toda vez que volto, me pego brincando junto da minha avó com aquela panela de barro e boneca de pano, suja de barro. Eles estão na fotografia que ela me mostrou aquele dia na varanda. E já me mostrara outras 7 vezes mais. E, sabe? Não me importo que ela conte a mesma história sempre que eu for, porque esse é o momento que eu tenho com a infância dela. É o momento que eu tenho com ela. É o momento que satisfaço aquela minha vontade de voar pra tão, tão distante. É o momento que eu tenho comigo. Pra mim. E, caramba, o sertão é lindo! Ele é rico de pureza e amor. Eu gosto de amor puro. Como o de criança. Como o da minha avó na vez que deu seu único chinelo à uma amiga e disse à mãe que precisava ser boa. A verdade é que ela gostava de andar com os pés na terra e sua mãe não deixava. Coincidência ou não, detesto andar de chinelo pela casa e, certamente, levo as broncas que ela levou. Minha mãe é a filha mais velha, de sete, mas não chegou a nascer no sertão. Não entende. Nem eu nasci. Mas entendo. Talvez porque tenha esse desejo reprimido de encher meus olhos com as estrelas daquele céu. E de correr descalça naquele chão. Sempre me ative à ideia do sertão como um lugar quente e deserto e por muito tempo não consegui formar imagens concretas em cima de tudo o que minha avó me diz (o que explica as coisas dispersas, porém juntas, na minha colagem), mas, foi só visitar a exposição das fotos de João Machado, no Museu da Caixa Cultural, que vi e senti todas as lembranças dela e vontades minhas. Saudade, outrora, não doía tanto. Queria a velha ali comigo. Vendo o que ela viveu enquanto vivi o que ela contou. Em um transcender de paixão e nostalgia, eu estava lá. No sertão. Pelos olhos de João. Duas vezes. É, acabou que conheci uma menina que foi visitar o museu sozinha e não queria ir pra exposição desacompanhada. A segunda vez que entrei ainda parecia a primeira. Sei lá, foi uma coisa meio mágica. Como seu eu tivesse dentro da minha imaginação, o irreal.

Figura 7: “Sertão, um lugar de irradiações poéticas”



Foto: Juliana de Sousa Pires, 2018.

E, ao mesmo tempo, dentro das memórias da minha avó, o real. E, no final, eu só estava em pé de frente pra um quadro. Vendo como João conseguiu capturar os mínimos e mais lindos detalhes dos fragmentos que compõem aquele cenário. Acho que nunca havia sentido algo tão leve. João, em suas particularidades, me ganhou. E olha que ele nunca escutou as histórias da minha avó. Mas soube traduzí-las como ninguém. Tirei algumas fotos dos quadros pra mostrar pra ela na próxima ida. Não vai ser a mesma coisa, mas quero que ela saiba como foi tudo especial pra mim. Por um instante, eu era eu. E como foi bom não ter que ser mais nada... Agradeço ao meu professor, a experiência. Amei a viagem. Voltei pra casa com minha caixa de brinquedos completa e totalmente aberta e a bagagem cheia de histórias pra contar e sensações que não vou conseguir colocar em palavras. O sertão é amor. Podem até dizer que lhe faltam certas coisas para ser feliz, mas ali, na verdade, nada falta. Ele é repleto de memórias das mais diferentes ocasiões. É recheado de afeto e transborda humildade. A que falta aqui. O sertão sorri até triste. E, apesar das coisas ruins que os jornais narram, ele é tudo que pode com tudo que tem. E quando a chuva não cai, ele faz poesia com o chão rachado e as estrelas que quase não cabem no céu, de tantas. Queria que as pessoas vissem o que João Machado viu. Que entendessem que o sertão é tão nosso quanto as praias são. Faz parte da nossa identidade e precisamos olhar com carinho tudo aquilo que nos quer dizer algo. Assim como a arte. Porque arte é sobrevivência. O sertão é sobrevivência. Sobre vivências. Sê tão bonito, Sertão. *Juliana de Sousa Pires*

*Tornar à terra  
Sentir o calor do pai  
Ser(tão) de amor  
Katharyna Barros*

Afetos e afinidades foram as palavras-conceito que entrelaçariam minha relação com a turma dos calouros, deste 2018.2. Mas, o cenário no qual se daria tudo isso era meu alicerce de vida: o Sertão. Não o meu pernambucano, do Pajeú, mas outro por onde passei, aprendi e (embora adulta) cresci (profissionalmente): o baiano de Xique-xique. Emocionei-me ao narrar em sala minha experiência sertaneja para muitos colegas que sequer passaram perto dali. Conheciam através do “ouvi falar”, do “saiu no jornal”, do “deu na tv” ou do “apareceu no google”. Fomos convidados a visitar o Sertão de João Machado, na Caixa Cultural. Escolhi uma tarde chuvosa de sábado quase-outubro para sair de casa. Combinei com um amigo que nunca esteve no sertão para estar ali comigo. Era a semana que antecedia as eleições presidenciais de primeiro turno. Eu vesti a camisa de minhas causas e fui ali, levar meu afeto ao sertão que, assim como eu, também votaria #EleNão. Pouco a pouco, naquela exposição nascia esta minha obra sobre a qual também narro e entrego emoção e afeto. Se jornalista me tornei, foi para estar perto do homem que ia comigo ler o jornal na cidade de Serra Talhada, para saber do mundo. Homem de pouco estudo formal, mas de um conhecimento autodidata invejável: falo de meu pai. A figura presente desde sempre no meu ser (tão). Se professora me imagino, é para reconectar-me também com este meu passado, cujas letras e brincadeiras foram feitas num quintal árido, em lousa de chão-batido, em letras de que alfabetizavam a paisagem tal qual o ‘a’ de açum-preto, ‘b’ de boiadeiro, ‘c’ de cangaceiro... Letras brincantes da realidade fotografada por Machado. Correndo na exposição, ouvia do meu amigo expressões que reverberavam o que era manchete popular, de um senso comum a respeito do Sertão, que quase nada representa a quem de fato é sertanejo. Àquela altura, nada mais era do Machado, nem meu, pois tratei de criar vínculos entre nós e os retratos daquela vida cheia de poesia. Busquei na memória o céu de estrelas do sertão no Rio de Janeiro. Achei um morro estrelado, na autoestrada Lagoa-Barra. As luzes da caatinga cintilavam no Vidigal. Busquei o gol da rede furada em traves retorcidas da seca, achei a pelada dos marmanjos no Aterro. Olhei de dentro do caminhão pau de Arara e me senti sacodindo dentro da van que sobe o Pavão-Pavãozinho. Busquei a beleza da noiva, na casa de taipa, achei o rosto da morena faceira do Ancelmo Góes. Bonito notar que o visto naquele Centro Cultural, vai muito mais além das manchetes... Assim, a folha de papel A3 não atendia meu afeto. Era o papel jornal que suportaria todas as minhas impressões. Porque minhas reminiscências afetivas saíam de uma gráfica qualquer. Não queria mais um folder para anunciar uma exposição. Jargão superado do jornalismo, toda notícia tem seu outro lado. Vire a página! Diga, junto comigo, o que é do Sertão! Refute o senso comum, traga-o para além dos sentidos. Esse é meu convite neste jornal. Tomei o cuidado de buscar o que estava sendo noticiado no período da exposição. Seleccionei títulos de reportagens, fui dando corpo ao imaginário que a mídia evoca ao tratar daquela região, à medida que recortava e colava da internet para o word, da reimpressão, para o papel. Entre tesouradas, reajustes de imagens, cuidado em posicionar as imagens e textos, criei meu próprio jornal. Lancei ao mundo um novo olhar sobre aquele fotógrafo. O Globo, não. Ele, não. Quero que o mundo conheça o Sertão, de João! *Katharyna Barros*

Figura 8: “Sertão, um lugar de irradiações poéticas”



Foto: Katharyna Barros, 2018

Figura 9: “Sertão, um lugar de irradiações poéticas”



Foto: Katharyna Barros, 2018

## CONSIDERAÇÕES FINAIS (PISTAS PARA UMA EDUCAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA)

A *práxis de sensibilidades* “Sertão, um lugar de irradiações poéticas” deflagra no contexto formador, inserido em um campo de experiências que tem no sensível a manifestação privilegiada de práticas, afetos e saberes, um movimento de humanização que se afirma em uma práxis educativa comprometida com a imprevisibilidade, o mundo e a liberdade. A “cultura do silêncio”, tão bem analisada por Paulo Freire, forjada no passado colonial, dividindo o tecido social entre colonizados e colonizadores, oprimidos e opressores, subjaz na contemporaneidade e subtrai a potência criativa das classes populares, tornando-as objetos, “‘quase coisas’, não têm finalidades. As suas, são as finalidades que lhes prescrevem os opressores” (FREIRE, 2016, p.88). Uma educação humanista tem que ter o compromisso com a ação transformadora da realidade, abrindo possibilidades de perceber que o sensível, quer esteja materializado nas formas artísticas ou não, apresenta-se na superfície de “mundos”, na captura das miudezas, como, por exemplo, um folder que se torna indício de revelação de “sertões” e suporte de encantamento e criação. Uma pedagogia emancipadora brota de experiências libertadoras e contra-hegemônicas. Neste sentido, Freire (2007) escreve:

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consequência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas *saber que* vivia mas *saber que sabia* e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (Ibid, p22-23).

Uma educação libertadora e não bancária, de acordo com o educador pernambucano, posiciona homens e mulheres como sujeitos de seu pensar que se manifesta, implícita ou explicitamente, na forma como acolhe outras vozes e na maneira como valora a sua própria narrativa e experiência.

As narrativimagens constituem, em sua forma e conteúdo, um esforço da reflexão, não operam no campo do determinado, mas na arena da produção do próprio sujeito no ato de pensar e do objeto que está sendo pensado. Portanto, o pensamento não se efetiva na esfera do instituído, mas busca ser uma dimensão instituinte do real poetizado, sendo por isso histórico por essência. Freire (2016) chama atenção para uma “existência histórica” dos sujeitos, “o aqui não é somente um espaço físico, mas também um espaço histórico” (Ibid, p.151), e essa relação de enfiamento ou encontro com a realidade só pode ser feita historicamente.

É urgente criar vias metodológicas e epistemológicas que autorizem vir à tona outras narrativas porque a história, tal como se configura na atual cartografia, é a canonização do ponto de vista do projeto moderno, uma espécie de “beatificação” dos vencedores, restando aos vencidos e excluídos, o caos, a catástrofe e a ruptura. No decurso das experiências que o “Sertão, um lugar de irradiações poéticas” evidencia está a aceitação da pluralidade de vozes que se traduz, em outras palavras, na admissão da diversidade epistemológica, política e estética que legitima diferentes sujeitos, modos de ser e olhar o mundo. É uma forma de luta pela democracia e contra a violência, que oculta o Outro no seu direito de pensar, criar e sentir. O mais importante, que se revela nas narrativimagens, são os processos e não o ponto de chegada. Há o exercício de lembrar e buscar uma conexão com a ancestralidade, as temporalidades, as fissuras que dão esperança e

desconstroem muros, e os vestígios do passado que, se nos assombraram, hoje são matéria palpitante de poéisis e (re)conhecimento de que somos sujeitos sentipensantes<sup>4</sup>.

E para fechar esse encontro, uma das questões principais que se impõe, tal como já afirmava Paulo Freire, é que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. A leitura e a escrita da palavra implicam uma releitura mais crítica do mundo como caminho para uma reescrita, ou seja, a sua transformação. Essa questão fundamental para Freire fica evidente na práxis de sensibilidades - uma experiência promotora de fazeres e saberes. A alfabetização para o mundo das imagens também deve ser incluída com urgência no debate que atravessa a educação nos seus mais diversos eixos. Uma perspectiva progressista deve ter como premissa que o domínio da gramática visual também é uma conquista da cidadania, que coloca mulheres e homens em processo permanente de libertação. A práxis de sensibilidades “Sertão, um lugar de irradiações poéticas” reforça, num triplo movimento, o mundo, a palavra e a imagem, pois compreende que nessa tríade se instala a potência de uma educação humanista, progressista, libertadora e insurgente.

### REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. *A narrativa como método na história do cotidiano escolar*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2000, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2000. p. 1-10.
- ALVES, Rubem. *A Educação dos Sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida*. São Paulo: Planeta Brasil, 2018.
- ANTONIO, Severino; TAVARES, Kátia. *Uma pedagogia poética para as crianças*. São Paulo: Adonis, 2017.
- BENJAMIN, Walter. *A Origem do drama barroco alemão*. Trad. S. P. Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Trad. S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, v.1.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Trad. R. Rodrigues Torres Filho e J.C. Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987, v.2.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Trad. H. Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989, v.3.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. São Paulo: Editora UFMG, 2006.
- BORDA, Orlando Fals. *Pesquisa-Ação, Ciência e Educação Popular nos Anos 90*. In STRECK, Danilo R (Org). *Fontes da Pedagogia Latino-Americana: uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002.
- D'ANGELO, Martha. *Arte, política e educação em Walter Benjamin*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- EAGLETON, Terry. *As Ilusões do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo *Política e Educação*. São Paulo: Villa das Letras, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Liberdade Cultural na América Latina*. STRECK, Danilo R (Org). *Fontes da Pedagogia Latino-Americana: uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

---

<sup>4</sup> O conceito *sentipensante* nasce do contato do sociólogo Orlando Fals Borda com a experiência dos pescadores de San Benito Abade (Sucre/Colômbia): “Nosotros actuamos con el corazón, pero también empleamos la cabeza, y cuando combinamos las dos cosas así, somos sentipensantes”, ou seja, pensar sentindo.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. *A Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

LOWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses*. São Paulo: Boitempo, 2005.

*Submetido em agosto de 2021*  
*Aprovado em setembro de 2021*

### Informações do autor

Dilson Miklos  
Instituto Superior de Educação de do Rio de Janeiro (ISERJ)  
E-mail: [dilson.miklos@gmail.com](mailto:dilson.miklos@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2933-7518>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2569256201723411>